



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 17, número 1, jan-jun, 2024, pág. 8-36

Plantão psicológico em escolas do sistema público de ensino: o estágio básico em Psicologia e sua pluridimensionalidade

Psychological duty in schools in the public education system: the basic internship in Psychology and its pluridimensionality

Devoir psychologique dans les écoles de l'enseignement public : le stage de base en psychologie et sa pluridimensionnalité

Ewerton Helder Bentes de Castro¹
Janderson Costa Meira²
Atália Maria Schaecken Silva³
Elcilene Lima de Macêdo⁴
Emanuel Herbert Elias Alencar⁵
Gabriela Monteiro da Silva⁶

Resumo

¹ Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com

² Pós-graduando em Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia / UFPR. Pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial – Instituto Vision/ Am. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliassilva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>

⁴ Graduada em Psicologia da Universidade Paulista - Unip. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: elcilenemacedo@hotmail.com

⁵ Graduando em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Coordenador de comunicação da Rede de mulheres indígenas do estado do Amazonas Makira E'ta. Bolsista da Geração Zelo- Movimento Saber lidar, em parceria com Unicef Brasil (ASEC-UNICEF). E-mail: alencaremanuel1998@gmail.com

⁶ Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte - Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da UFAM (Labfen). E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A formação em Psicologia preconiza que se considere as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia e, nestas, a inserção do discente em estágios básicos e profissionalizantes. O objetivo deste artigo é apresentar experiências no estágio básico a partir da vivência do plantão psicológico em escolas públicas em uma cidade na região norte do país. É um estudo sob o viés qualitativo em pesquisa. São apresentados 3 relatos de experiência com alunos de diferentes escolas. A análise de cada relato foi realizada a partir da proposta da Clínica dos Três Olhares. Foram observados os movimentos presentes nas histórias trazidas por cada uma das adolescentes em que conteúdos autodestrutivos, menos valia, configurações relacionais disfuncionais, violência sexual foram apresentados e, ao mesmo tempo, a partir da atuação dos plantonistas, novo olhar sobre si mesmas passou a ser experienciado, tendo em vista que, o olhar que antes fora de distorção, passa a sê-lo vivido de forma diferente, redimensionando a percepção de cada adolescente sobre si mesmas, passando a lançar um olhar de considerar-se a si próprias como seres-possíveis e, com isso, seres de possibilidade.

Palavras-chave: Estágio básico, formação em Psicologia, Clínica dos Três Olhares, Fenomenologia-Existencial

Abstract

Training in Psychology recommends considering the National Curricular Guidelines for undergraduate courses in Psychology and, in these, the inclusion of students in basic and professional internships. The objective of this article is to present experiences in the basic internship based on the experience of psychological duty in public schools in a city in the northern region of the country. It is a study with a qualitative research bias. Three experience reports with students from different schools are presented. The analysis of each report was carried out based on the proposal of Clínica dos Três Olhares. The movements present in the stories brought by each of the adolescents were observed in which self-destructive content, less value, dysfunctional relational configurations, sexual violence were presented and, at the same time, based on the actions of those on duty, a new look at themselves became experienced, bearing in mind that the look that was previously distorted is now lived in a different way, resizing each teenager's perception of themselves, starting to take a look at considering themselves as beings- possible and, with that, beings of possibility.

Keywords: Basic internship, training in Psychology, Clínica dos Três Olhares, Existential-Phenomenology

Resumé

La formation en psychologie recommande de prendre en compte les lignes directrices nationales des programmes d'études pour les cours de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

premier cycle en psychologie et, dans celles-ci, l'inclusion des étudiants dans des stages de base et professionnels. L'objectif de cet article est de présenter des expériences de stage de base basées sur l'expérience du devoir psychologique dans les écoles publiques d'une ville de la région nord du pays. Il s'agit d'une étude avec un biais de recherche qualitative. Trois rapports d'expériences avec des étudiants de différentes écoles sont présentés. L'analyse de chaque rapport a été réalisée sur la base de la proposition de la Clínica dos Três Olhares. On a observé les mouvements présents dans les histoires apportées par chacun des adolescents dans lesquels étaient présentés des contenus autodestructeurs, moins de valeur, des configurations relationnelles dysfonctionnelles, des violences sexuelles et, en même temps, à partir des actions des personnes en service, un nouveau Le regard sur soi est devenu une expérience, sachant que le regard auparavant déformé est désormais vécu d'une manière différente, en redimensionnant la perception que chaque adolescent a de lui-même, en commençant à se considérer comme des êtres-possibles et, avec cela, des êtres de possibilité.

Mots-clés : Stage de base, formation en psychologie, Clínica dos Três Olhares, Phénoménologie existentielle

A formação em Psicologia, desde seu primeiro momento em nosso país, tem como pressuposto a inserção de alunos em estágios. As Diretrizes Curriculares (Brasil, 2004) trouxeram a subdivisão em estágios básicos e profissionais. Este artigo versa sobre o estágio básico de discentes de cursos de Psicologia público e privado que desenvolveram este componente curricular no projeto de extensão Plantão psicológico em escolas do sistema público de ensino em cidade da região norte do Brasil.

Desse modo, objetiva-se apresentar a pluridimensionalidade da experiência no plantão psicológico, trazendo algumas vivências dos discentes de Psicologia, analisadas sob o viés da perspectiva clínica dos Três Olhares (Castro, 2023).

O estágio básico, objeto deste estudo, é realizado nos períodos iniciais do curso e quando ocorre o primeiro contato com sua futura prática profissional. Instância de observação e acompanhamento com o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

objetivo de identificar e desenvolver as principais habilidades que o psicólogo precisa ter para realizar atendimentos e intervenções.

O estágio inicial ou básico insere do discente em atividades práticas, favorecendo a reflexão acerca da postura ética na prática profissional, além de promover discussões sobre o conceito de normalidade, proporcionar atividades de observação, registro, anamnese e exame psíquico (Coelho Junior, 2022).

As estruturas curriculares dos cursos de Psicologia ofertados em uma cidade da região Norte, contemplam o estágio básico como um dos fundamentos na formação em psicologia, o que tem resultado na implementação da inserção discente em várias instituições com as quais as entidades formadoras têm parcerias.

O adolescer é uma fase plena em transições (Meira & Castro, 2023). A inserção escolar apresenta-se como verdadeiro mergulho na processualidade chamada socialização. Por que não processo e sim processualidade? Ampara-me na concepção trazida por Castro (2023), Meira & Castro (2023) e Benício, Gomes & Castro (2023) ao ressaltarem que no primeiro caso, a estaticidade é fundamento sempre presente; enquanto que no outro, a vida pulsa, há dinamicidade, residem escolhas, tomadas de decisão, sentidos e significados. Assim, para compreendermos esta fase do desenvolvimento e toda a dinâmica presente seria importante que nos tornássemos “abertura ao outro”, vivência do ser-com-o-outro preconizado por Martin Heidegger (2015).

A escola é plena em um aspecto que denomino “circularização social”, onde são efetivadas novas configurações relacionais entre os que compõem o solo educacional: professor-aluno; aluno-aluno; aluno-técnicos; gestores-alunos. Uma plêiade de relações que aí são estabelecidas e, cotidianamente, experienciadas, o que resulta em diversos graus de interatividade entre os atores sociais aí presentes. É compreender a prática educacional como a que Vigotsky (2003) indica e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

consideramos inovadora, sobre como o ambiente educacional pode influenciar o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Entretanto, vale a pena ressaltar que, dado a esse encontro de várias subjetivações em constante processualidade, é perfeitamente compreensível que essas interações resultem, a partir dessa convivência de muita proximidade, em idealizações e identificações existenciais, onde esse aluno recorre ao professor no qual confia e que, face as dificuldades do existir, sobrecarregam, exaurem, estressam.

O adolescente, dadas as mudanças orgânicas, principalmente com aquelas a partir das características sexuais secundárias, entra em conflito com o ser-em-quem está se tornando e o ser-que-a-sociedade o chama a vivenciar. Nesse nicho de vivências a experiência da sexualidade se torna algo muito conturbado (Meira & Castro, 2023). O conflito consigo mesmo fica mais grandioso e, nisso, crises em relação à orientação sexual e à identidade de gênero, presentificam-se.

Vigotsky (2007) em sua obra "A Formação Social da Mente" ("Mind in Society") explora a teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano. Este autor reflete sobre a relação entre a mente, o desenvolvimento humano e o contexto social. Considerando o que nos traz a perspectiva vigotskyana, precisamos, ao trabalhar com adolescentes (este é um direcionamento meu) destacar a importância do ambiente social e cultural no desenvolvimento cognitivo desses indivíduos, uma vez que, a mente e o comportamento humano são moldados por fatores sociais, como a linguagem, as interações sociais e as ferramentas culturais.

Assim, trabalhar com adolescentes na rede pública de ensino sob o olhar da Psicologia, significa, sem sombra de dúvida, compreender essa pluridimensionalidade de um adolescer mergulhado por parâmetros socioculturais e históricos. Como nos diz Heidegger (2015) é estar em disposição para a compreensão deste ser-no-mundo que tem um



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

caminhar muito singular, pleno em situações dos mais variados detalhes e nuances. E a contemporaneidade é o elemento onde o mundo-vivido, a experiência, se moldam e se mostram.

A vida contemporânea, em seu feirismo característico, nos tem trazido situações contundentes. E a adolescência não está isenta dessas propugnações. Alto percentual de quadros ansiosos, comportamentos autodestrutivos e autolesivos, agressividade exacerbada, replicação da violência doméstica na escola, indisciplina, bullying, dentre outros.

E diante de quadros dessa natureza, foi criado o Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em cidade da região norte do país, apresentado em seguida.

Plantão psicológico em escolas do sistema público de ensino

O ano de 2022, pós-pandemia, trouxe uma série de experiências diferenciadas para a instituição escolar. Diante de várias situações vivenciadas no primeiro mês de funcionamento do ano letivo, um gestor de escola solicitou minha ajuda no sentido de que não estavam conseguindo lidar com as demandas trazidas pelos alunos.

Pensei no Plantão psicológico que, a meu ver, naquele momento, poderia auxiliar no que estava ocorrendo na escola. E assim foi feito. A proposta do Plantão psicológico foi aceita como projeto de extensão em universidade pública e, a partir daí, desenvolvidas as atividades.

A que atividades me refiro? À inserção dos discentes, após capacitação, no desenvolvimento do aconselhamento psicológico embasado na perspectiva da Clínica dos Três Olhares, idealizada por Castro (2021; 2023) e que será apresentada após este tópico.

O plantão psicológico é efetivado em salas específicas nas escolas onde os plantonistas são alocados. Para o início das atividades, a coordenação do projeto e os alunos são direcionados a cada sala da escola com o objetivo de apresentar a atividade aos docentes e alunos,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

momento em que são disponibilizados períodos de tempo para dirimir quaisquer dúvidas.

Após as devidas apresentações, os plantonistas ficam em disponibilidade para receber os alunos que até eles se deslocam por dois canais: demanda espontânea e por encaminhamento dos professores que, dada sua relação estreita com estes alunos, observam a mudança de comportamento em sala de aula.

O plantonista recebe o aluno, insere os dados em ficha específica do projeto e, em seguida, realiza a escuta. Esta escuta pode variar de 30 a 120 minutos, onde, em franca proatividade, o plantonista escuta e discute o que está sendo trazido pelo adolescente, sem, contudo, colocar-se na condição de juiz ou quaisquer questões do gênero. A perspectiva é que o aluno traga sua história, sua dor e sofrimento, ocorra a imersão de ambos no que está sendo trazido e, a partir daí, encontrar as estratégias de enfrentamento pertinentes.

Em seguida à escuta, o plantonista elabora o relato detalhado de cada atendimento realizado e, posteriormente, discute em supervisão.

Necessário lembrar que, a cada adolescente, é facultado retornar ao plantonista em até 5 momentos. A partir daí, em se observando a necessidade de acompanhamento psicoterápico, esse aluno é encaminhado para a rede de apoio do projeto, composta por alunos finalistas de psicologia e profissionais com CRP ativo.

A clínica dos Três Olhares: perspectivas de intervenção

A perspectiva deste modelo de acompanhamento psicológico, seja aconselhamento ou psicoterapia, tem seu fundamento teórico nos parâmetros da Psicologia Fenomenológico-Existencial, ou seja, na Fenomenologia (Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Edith Stein) e no Existencialismo (Sartre, Beauvoir).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A relação plantonista-adolescente, psicoterapeuta-terapeutizando, ocorre na vivência de três aspectos correlacionais: o acolhimento, a escuta e o cuidado. Neste momento, torna-se necessário explicitar estes elementos.

Acolher, nesta perspectiva, não significa o sorriso que se dá no momento em que o outro adentra o espaço terapêutico ou o abraço de boas-vindas. O acolhimento diz respeito a que possamos compreender e acolher a história que nos é trazida, é a atentividade para além da atenção propriamente dita. É o que nomino de mergulho existencial necessário à compreensão do dito e do que subjaz nas entrelinhas do que está sendo dito e do não-dito. É a abertura ao outro tão preconizada pelos teóricos da Fenomenologia e do Existencialismo.

O acolhimento é a abertura ao outro. A escuta é o mergulho propriamente dito no que está sendo trazido. É a instância em que ambos experienciam o en-contro. É o momento em que o vivido se mostra vivência. A situação passada é atualizada em toda a sua dimensionalidade. Não é apenas o órgão auditivo que está direcionado a esse outro, sou eu por inteiro, sou eu ser-no-mundo-com-o-outro sendo efetivado. A relação é plena em afetividade, em afeto.

Vivencio a abertura, experiencio a escuta. Ambos são realizados no nicho do cuidado. Não apenas o cuidar que zela ou vela. Mas, o cuidar que se consolida na compreensão do que está sendo dito, ou seja, é um momento em que vou além da mera interpretação (quase causalística de algumas teorias). No mergulho que me lanço, como terapeuta, junto com esse outro, em que juízo de valor, pré-conceitos e pré-concepções de minha parte são elementos à parte, a abertura se consolida na escuta e, esta última, no cuidado. Faço questão de, ao refletir este momento, lembrar-me de que para além da perspectiva teórica com a qual me identifico, para além da minha perspectiva de cuidado, meu escutar se torna pleno e envereda pela possibilidade do caminhar com esse outro.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mas, a clínica se diz dos Três Olhares. A que me refiro? Sigamos na explicitação da proposta.

Quando as facticidades irrompem em nossas vidas, levando-nos, muitas vezes, apenas a pensar a vida, o cotidiano, sob o viés da situação que vem até nós. Pois bem, passamos a viabilizar em nossas vidas o que nomino como **Princípio da Linearidade Existencial**. O viver se torna linear pois é experienciado sob um único foco, o da dor ou sofrimento que se abateu sobre nós. Não se percebe caminho a ser seguido. Não nos percebemos com possibilidade de sair do intrincado em que estamos lançados. Seguimos sem saber para onde, por onde e por quê.

Nesse momento, três aspectos são altamente comprometidos: autoestima, auto conceito e autoimagem. Não me reconheço como quem propriamente sou. Em realidade, desaproprio-me de mim mesmo. Não consigo me vir pertencendo e sendo quem eu mesmo sou. **Meu olhar sobre mim mesmo** passa a ser vivenciado sob a perspectiva da distorção. Sou apenas a dor, sou o sofrimento, sou culpabilização, sou vitimização. Sinto-me, mais do que nunca, lançado em verdadeiro turbilhão emocional com o qual não sei lidar, não consigo lidar.

O segundo olhar é o que **lanço sobre o outro**. Esse outro que continuamente permeia minha vida e , diariamente, me acompanha sob a fâcias das configurações relacionais às quais digo pertencer. Muitas vezes, dada a distorção com que me vejo, meu olhar sobre o outro também se torna distorcido. E, como consequência, me isolo, me afasto desse outro que, maioria das vezes, sequer tem a mínima noção do porquê o estamos olhando dessa forma. E, não sabendo lidar comigo mesmo, o outro se torna o adversário responsável pelo que me tornei ou pelo que me ocorreu. Embates relacionais se tornam efetivos, presentes em minhas relações.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Contudo, a meu ver, o terceiro olhar é compreendido como o que me lança ao encontro do que normalmente o senso comum nomina como “o fundo do poço”, o olhar que lanço sobre o olhar do outro. Este modo de ser diz respeito às situações em que me julgo na condição de colocar o outro como minha referência. Como ocorre?

Em nosso cotidiano relacional, situações vão ocorrendo em que atribuímos ao outro um tipo de responsabilidade que não lhe compete, a de nos conduzir. E isso ocorre quando resolvemos agir em conformidade com o que achamos que o outro quer de nós, sem que ele tenha expresso algo dessa natureza. Agimos no sentido de agradar esse outro e esquecemos de nós próprios. Ao agirmos dessa forma, abrimos mão de ser quem somos para corresponder ao que consideramos o outro quer de nós, ou seja, desapropriamo-nos de modo quase violento de ser nós mesmos. Esqueço de mim. Entronizo o outro. Me predisponho ao abuso. Autorizo o outro a ser abusivo. Consolida-se a maior de todas as violências relacionais. Experiencio a relação chamada abusiva.

Ao plantonista e ao psicoterapeuta, cabe identificar cada um desses olhares: qual olhar o adolescente/cliente lança sobre si próprio? Como experiencia suas configurações relacionais? Qual sua visão acerca das perspectivas relacionais cotidianas?

Muitos alunos adentram pela vivência de comportamentos auto lesivos. Outros estão inconformados com sua identidade de gênero. Há aqueles que vivenciam o bullying sob o viés da ação do outro ou da sua ação sobre o outro e, maioria das vezes, ao adentrarmos em suas histórias, encontramos relações familiares disfuncionais, em que a violência doméstica é algo muito presente. Como tem sido lidar com tudo isso? Como esse corpo que é dele, muitas vezes não é vivenciado como sendo ele? Que corporeidade silenciada é essa que nos é trazida e que, continuamente, tem sido violentamente compelida a experienciar a dor de figuras significativas nos mais variados tipos de violência?



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Esta perspectiva, ainda em construção, vem a nosso encontro para que reflitamos sobre o modus operandii com o qual a psicologia tem sido colocada em prática. Nos conclama a ir além da situação em si mesma e a buscar compreender o olhar que esse outro passa a lançar sobre si mesmo, sobre o outro, sobre a vida, sobre o mundo.

Entretanto, a proposta não encerra aí. De quais encontros, desencontros e re-encontros estão sendo experienciados na vida diária dessas pessoas e na relação terapeuta-terapeutizando? Quais construções, desconstruções e reconstruções tem sido presentes no cotidiano de cada um? Como tem sido vivenciar configurações, desconfigurações e reconfigurações existenciais? E isso, nos chama a priorizarmos, na relação, seja de aconselhamento seja de psicoterapia, os três aspectos iniciais: acolher, escutar e cuidar.

Para concluirmos esta perspectiva, lanço um desafio: até que ponto, nós, profissionais de psicologia, estamos em disponibilidade de questionarmos nossas herméticas teorizações que sempre se fazem presentes em detrimento do outro? Até que ponto conseguiríamos refazer nossas trajetórias no sentido de refletirmos a dimensão ser-com-o-outro para além das normatizações, regulamentos e regimentos teóricos? Como seria se nos predisuséssemos a questionar nossas verdades absolutas, muitas vezes elaboradas para manutenção de um status quo que prescinde da compreensão e viabiliza apenas a interpretação?

Material e Métodos

Serão trazidos relatos de atendimento realizados por plantonistas em escolas da rede pública, permeados pela visão da Clínica dos Três Olhares. Dessa forma, é um estudo com desenho qualitativo que conforme pressupõem Pereira & Castro (2019) resulta na compreensão de experiências cotidianas a partir dos sentidos e significados, crenças e valores trazidos nos discursos.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os nomes fictícios foram escolhidos pelos próprios alunos que, conjuntamente com seus responsáveis, autorizaram a exposição das experiências. Assim, temos: Miss Sunshine, Smurfette, Girassol.

Conforme ressaltado anteriormente, nossa base de análise será a perspectiva dos Três Olhares (Castro, 2021; 2023).

Resultados e Discussão

Neste momento, apresentamos os relatos que consideramos mais expressivos para mostrar as várias demandas que são trazidas ao plantonista e como se deu a dinâmica do aconselhamento.

Relato 1 – Miss Sunshine

Adolescente, gênero feminino, 14 anos, parda, 9º ano, chega muito pesarosa e já foi falando antes de quaisquer questionamentos: *“Fui estuprada por um colega meu, o D., na casa dele. Eu não consenti. Fui abusada [choro compulsivo]. O D. vem tendo comportamento persistente, ciumento, obsessivo mesmo em relação a mim. Há alguns meses, ligava muito para mim, e uma vez pediu, por telefone, que eu namorasse com ele, mesmo eu tendo 13 anos e ele 14 anos. Mas, sempre falei a ele que minha mãe havia me dito que tenho de estudar e ela só permitiria que eu namorasse com 15 anos, pois sou muito nova para isso e que tudo tem seu tempo.*

A facticidade se abate na vida da adolescente. Como nos diz Castro (2023) dor e sofrimento se instauram em decorrência da ação do outro. Esse outro que magoa, machuca, e não respeita o limítrofe entre ele e aquele com quem convive. Miss Sunshine, mesmo estabelecendo algumas normativas, característica do mundo circundante, não consegue afastar o outro e seu desejo.

Minha mãe conversou com ele pelo meu telefone, reafirmando o seu posicionamento para ele, não permitindo o namoro e proibindo qualquer coisa relacionada a esse tipo de relacionamento e que antes dos 15 anos a filha dela não iria namorar. Ele respondeu para ela que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

respeitava e que iria esperar a filha dela completar 15 anos. Desde então, ficou certo que eles permaneceriam apenas amigos e ele de fato concordou com isso, mas não seguiu de acordo comigo.

Ele me tratava como se fosse namorada dele, mesmo eu e a minha mãe dizendo que isso estava fora de cogitação. Então, ele de uns tempos para cá vem me convidando para ir até a casa dele, mas eu negava seus convites, até que, recentemente, aceitei gazetar aula junto com ele e uma amiga para passearem numa praça ali perto da escola.

Após este encontro, ele seguiu insistindo que gostaria de me levar até a casa dele, mas eu recusava. Foi quando ele muito frustrado e persistente em conquistar o seu objetivo me disse no Whatsapp: “- Você nunca pode Agatha, eu não vou aceitar desculpas de novo”. Então respondi: “- Você não desiste mesmo”. E ele replicou: “- Eu não desisto daquilo que eu quero”.

Diante disso, no dia 17 de novembro de 2022 (quinta-feira), D. marcou com Miss Sunshine de levá-la para a casa dele no horário da escola, no turno matutino, para eles assistirem o filme favorito dela, Barbie. Ela havia tentado resistir novamente aos convites do “amigo”, mas ele a convenceu de gazetar aula para assistirem a Barbie na casa dele sem outros amigos junto deles, afinal, a menina pensou: que mal havia nisso, certo? Pois eles eram amigos!

Portanto, no dia 17/11/2022, eles foram para a casa dele no horário de aula. Ao chegar lá, ele a levou direto para o quarto de sua mãe e trancou-os lá dentro, escondendo a chave onde Miss Sunshine não sabia como encontrar. Em seguida, eles deitaram um ao lado do outro na cama da mãe de D. e começaram a assistir ao filme da Barbie que ela havia baixado no seu celular.

Entretanto, após alguns minutos de filme, D. iniciou as suas investidas em mim, me beijando. Mas eu disse a ele que a minha mãe não permitia aquilo, pois eu não tinha idade para aquilo; ainda não



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estava no tempo daquilo (relação sexual) acontecer comigo. Ele não aceitou, segurando minhas duas mãos com apenas uma mão dele e rasgou minha blusa. Começou a chupar os meus seios e a me morder. Em seguida, ele tentou me penetrar com o seu pênis, mas consegui fechar as pernas, impedindo-o de me penetrar. No entanto ele, acredito eu que muito frustrado e com muita raiva, conseguiu penetrar violentamente com o dedo, me machucando. Dali, com bastante dor, fugi dele dizendo que queria ir embora, e ele, após eles se vestirem, me obrigou a passear com ele num local próximo a escola até que desse o horário da saída, entre 11:15 e 11:30 da manhã.

A violência sexual tem sido um dos fatores mais presentes na vida das pessoas contemporaneamente. É uma experiência que lança esse outro em vivência de dor e sofrimento. Castro (2021, 2023) compreende como invasão do existir, em que a pessoa em questão, ao ser violada, adentra por caminho tortuoso como se não houvera saída, adentra o desamparo.

Ao chegar em casa, eu estava em choque, tremendo muito, estranha de como normalmente chegava. Rapidamente, minha mãe percebeu a mudança brusca de comportamento dela e começou a me questionar o que havia acontecido para estar daquela maneira. Porém, não respondi, apenas me tremia muito e comecei a chorar e chorar. Então, minha mãe contou para mim que sua intuição de mãe dizia: “- Olha as roupas dela”. Ao pegar as minhas roupas sujas, minha mãe vê que a blusa estava toda rasgada e minhas roupas íntimas com sangue.

Então na mesma hora ela ficou à flor da pele e se desespera, perguntando incessantemente de mim o que havia acontecido. Diante disso, pedi para minha mãe se sentar e comecei a falar tudo o que havia ocorrido, pois temos uma relação de muita conversa, honestidade e confiança. Minha mãe ficou extremamente abalada, me questionando e a si mesma do por que e de como aquilo poderia ter acontecido, porém,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

imediatamente, ela recorreu ao SPA próximo de casa e pediu que fosse feito os exames necessários para constatar o estupro, o qual foi confirmado pela médica.

Após isso, ela foi à delegacia fazer um boletim de ocorrência e fazer o exame de corpo de delito. Todas as medidas necessárias estão sendo tomadas para que seja feito justiça da maneira correta por mim, pois mesmo que eu tivesse desobedecido a sua ordem de não faltar aula e de não ir a casa de ninguém sem a sua permissão. Fui vítima de estupro, sendo menor de idade, e jamais havendo justificativa para o que foi feito comigo.

Plantonista: Miss Sunshine e a sua família estão profundamente machucados. Ela tem dois irmãos mais velhos, um de 18 anos e outro de 16 anos, ambos super protetores com ela e revoltados com a situação. Seu pai de criação, marido de sua mãe, está inconsolável. A mãe disse que em 10 anos de relacionamento ela nunca viu o seu marido chorar, pois ele é um homem matuto e muito forte, mas que pela filha ele estava em muito sofrimento, chorando às vezes do nada lembrando da situação, muito abalado, acalmando-se somente quando Miss Sunshine está próxima dele.

A relação de Miss Sunshine com o pai é muito forte, ele é o xodó dela. A verdade é que Miss Sunshine é muito amada por todos de sua família; mesmo com as dificuldades da vida eles são uma família unida e amorosa.

Sua mãe teve uma vida muito difícil, carregada de muitos traumas, como violência doméstica e violência fora de casa; abuso sexual e tentativas de estupro, também; abandono da mãe desde muito nova, sendo criada pela avó; abandono tanto do pai dos seus filhos mais velhos quanto do pai biológico de Miss Sunshine; violência doméstica sofrida por esses ex-companheiros, inclusive nos períodos gravídicos; e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de uns anos para cá, ela descobriu que tem fibromialgia e lúpus eritematoso.

Foi dito à mãe que era vencedora, pois diante de tantas dores, traumas e adversidades, conseguiu ser mãe presente, amorosa, zelosa e guerreira pelos três filhos, em especial, por Miss Sunshine. Ela também encontrou um marido que a ama e cuida dela. Além disso, não quer que os filhos passem por tudo o que ela passou. Por isso, sempre é muito verdadeira com eles e sempre está orientando e aconselhando-os da melhor maneira possível.

Diante do ocorrido, ela se culpa pelo o que houve com sua filha, pois sempre está presente, ela nunca deixa Miss Sunshine sozinha; sua filha sempre está com ela, sendo os únicos momentos em que ela não está próxima é quando Miss Sunshine vai para a escola e/ou está na escola, justamente no período em que aconteceu o estupro.

Miss Sunshine está muito abalada, sentindo-se culpada por todo o ocorrido; na sessão estava muito chorosa e sofrendo profundamente, dor imensurável. Em casa, sua mãe disse que ela só dorme, mal acorda para comer e tomar banho, indicativo de uma possível depressão e/ou tristeza profunda, ainda é muito recente para dizer, porém importante observar futuramente. Além disso, ela não quer e não irá retornar para as aulas presenciais, decisão esta que foi tomada juntamente com a gestora e coordenadora pedagógica da escola, com a plantonista e sua mãe. Miss Sunshine irá terminar as aulas do 7º ano na escola atual, mas não retornará para a escola por seu bem-estar físico e emocional. O aluno agressor não estudará mais na escola e os seus responsáveis responderão judicialmente por ele.

O sofrimento causado por outrem provoca em Miss Sunshine a sensação da perda de si mesma. Não consegue ver nada mais além da dor impetrada e com a qual não sabe como lidar. Ensimesma. Mergulha na im-possibilidade de ser ela mesma, não se reconhece mais como



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sendo quem é. Entretanto, apesar de não-reconhecimento, sua configuração familiar se faz continente, presente junto a adolescente.

Miss Sunshine foi encaminhada para a rede de apoio do plantão.

A perspectiva dos Três Olhares pressupõe que, cada um daqueles aí envolvidos, consiga ir além da problemática em si mesma. Convém, mergulhar existencialmente com esse outro e, neste caso, os outros, tendo em vista que, mãe e filha procuraram o plantão, propiciar a escuta que acolhe e cuida. Miss Sunshine e sua mãe foram escutadas considerando o movimento de abertura da plantonista para com elas.

A plantonista, mesmo diante de uma situação muito mobilizadora, conseguiu presentificar-se de tal modo junto às duas que, suas intervenções culminaram em maior união dessa configuração familiar abalada pelo ocorrido. Miss Sunshine retornou mais duas vezes ao plantão, mesmo sem estar frequentando a escola, o que foi de extrema importância para que o enfrentamento da situação pudesse ocorrer de modo que o processo terapêutico consolidasse o cuidado para com ela e sua família.

Relato: 01/04/2022.

Smurfette é aluna do 2º ano do Ensino Médio, gênero feminino, branca, 16 anos. Procurou o plantão e já foi trazendo a seguinte frase: *“Eu quero desistir!”* **Plantonista:** *“Como é esse desistir?”*

Smurfette: *“Quero desistir de tudo, quero morrer. Eu já tentei o suicídio três vez, mas minha mãe só sabe de uma [... Chora, mas depois continua] eu rio, faço graça, mas não confio em ninguém. Só tenho três amigos que converso, mas só dois sabem que eu quero morrer. Minha mãe diz que é frescura, mas eu tenho um vazio que nada preenche”. Continua:* *“Eu me acho uma pessoa fingida, finjo que estou feliz pra esconder a tristeza e a dor que sinto”.*

Plantonista: *“Como você gostaria de ser?”*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Smurfette: *“Gostaria de ser uma pessoa feliz, divertida, que tratasse as pessoas sem ignorância. Minha mãe me trata com ignorância e eu desconto no meu irmão que tem quatro anos. Eu não me dou bem com ela”.*

Plantonista: *“Como é tua relação com teu pai?”*

Smurfette: *“Nunca tive aproximação com ele. Tenho uma tia, irmã dele, que faz o papel de pai pra mim. Ela que me liga perguntando como eu estou, as vezes me ajuda com algum dinheiro. Eu gosto dela”.*

Plantonista: *“Como é teu dia, a tua rotina?”*

Smurfette: *“Eu acordo, tomo café e vou arrumar a casa, as 11hs eu venho pra escola, pego dois ônibus pra cá. Minha mãe de manhã leva meu irmão pra escola e vai pra academia, quando eu chego da aula ela já está me esperando pra eu ficar com meu irmão enquanto ela vai estudar. Agora ela quer mudar meu horário na escola, me passar pra manhã, porque reclama que chego depois do horário que ela tem que sair pra aula. Eu me aborreço muito com ela, não me dou bem com ela [...]”*

Plantonista: *“Como são esses aborrecimentos?”*

Smurfette: *“Ela fica no celular com o pai do meu irmão, fica reclamando de mim pra ele e ele dá opinião. Aí, quando ela desliga fica gritando comigo. Mas o pior de tudo, é que ela não me dá o celular pra eu fazer as tarefas daqui da aula, estou com tarefa acumulada porque não tenho como fazer, não tenho celular e nem notebook. Ela acha que se eu pegar no celular, vou pro Instagram”.*

Plantonista: *“Como é estudar aqui? O que gostaria de ser como profissional?”*

Smurfette: *“Pelos professores, é bom. O que eu não gosto é pelo horário, antes entrávamos 13:15, agora a entrada é 13hs e eu moro longe. Ah! Gostaria de ser advogada”.*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Plantonista: *“Você me disse que se sente muito sozinha, não é? Gostaria de lhe dizer que você não está sozinha, eu estou aqui pra lhe escutar. Vamos combinar uma coisa? Quando acontecer esse pensamento de morrer, lembra dessa nossa conversa, pensa que em determinado momento você está triste, mas daqui a pouco vai estar melhor. E aí, o que você acha de encontrar alguém para conversar? Você falou de seus amigos. O que você poderia estar fazendo em relação a isso?”*

Smurfette abriu um sorriso, respirou profundamente e respondeu: *“Prometo que farei assim: vou procurar por eles quando me sentir sozinha”.*

Plantonista: *“Sabes Smurfette, embora a vida não seja como desejamos, você pode ser feliz como você falou anteriormente. O nosso viver não está condicionado às atitudes de outras pessoas; o mundo não se reduz apenas aos que nos aborrecem; temos também as pessoas que nos dão alegrias. Daqui a pouco você será adulta, advogada como sonhas, e vai viver sua vida da forma que mais lhe agrada. Tudo na vida é só por enquanto, por enquanto eu estou triste, por enquanto estou alegre, por enquanto sou adolescente. Eu estou assim agora, mas eu não sou assim, compreendes?”*

Smurfette: *“Pensando aqui, depois do que você falou, que não preciso morrer pra preencher esse vazio e aliviar essa dor que sinto, não é?”*

Plantonista: *“O que isso significa para você?”*

Smurfette: *“Que o sentido que damos as coisas faz a diferença no nosso viver. Por exemplo, ouvir música me acalma, então, preciso valorizar. Vou fazer mais vezes o que me dá alegria. Como você falou terei dias em que estarei bem e outros não, e tá tudo bem”.*

Plantonista: *“Exatamente, está percebendo que a felicidade não é uma constante, sentimentos mudam conforme as circunstâncias e nessas mudanças nós nos acolhemos sempre? Como se sente agora?”*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Smurfette: *“Mais calma”.*

Plantonista: *“Eu vou estar aqui nas quintas e sextas-feiras. Se você sentir necessidade de conversar, pode vir”.*

Nos despedimos com um abraço.

Smurfette retornou mais quatro vezes e, a cada encontro, foi percebido que tomava cada vez mais para si a responsabilidade de sentir-se bem, apesar das atitudes maternas para com ela. Conseguiu elaborar estratégias de enfrentamento e, principalmente, deixou “de desistir”.

Algumas demandas trazidas na fala de Smurfette: configuração familiar disfuncional, agressividade e descaso maternos, configurações relacionais de apoio mínimas, comportamento autodestrutivo recorrente, desamparo, pensamento linear.

A imersão da menina nessa configuração familiar disfuncional resultou em autoagressividade, culminando, inclusive, em três tentativas de suicídio. Considerando o que a Clínica dos Três Olhares pressupõe, Smurfette não conseguia vislumbrar em sua vida nada além do caos existencial que desde muito cedo passou a experimentar. E, dessa forma, três fatores se fizeram presentes: desamparo, sentindo-se apenas lançada no mundo, sem o apoio e o carinho de uma figura parental significativa; desesperança, não se sentia com força de enfrentar a relação adoecida com a mãe e, com isso, deixou-se ficar na linearidade de um objetivo, o de dar fim ao que estava vivenciando. E tentou 3 vezes.

O olhar sobre si mesmo denota o quanto estamos ou não valorizando cada aprendizagem que continuamente a vida nos traz. E o olhar lançado ocorria sob o viés da dor e do sofrimento causados por outrem. O olhar do outro era pleno de normas, determinações descabidas e total falta de amparo, de apoio.

Contudo, quando a plantonista aprofunda a experiência vivida no sentido de mergulhar existencialmente com a adolescente, sonhos,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

perspectivas, possibilidades sobressaem em seu discurso. A linearidade do pensamento toma outra dimensão, a da circularidade existencial. E isso está representado quando responde o que gostaria de ser, como poderia recorrer a seus amigos e à música para o enfrentamento necessário às situações cotidianas. Smurfette, se apropria de si mesma, toma a responsabilidade por seu próprio caminhar. O olhar sobre si sai da distorção e envereda pela autenticidade de ser ela mesma.

Smurfette compreende o sentido de ser ela mesma.

Relato

Girassol tem 14 anos, cursa o 9º ano, tímida, muito reservada, branca, apresenta dificuldade na expressão de seus sentimentos. Dada sua timidez, o plantonista iniciou a apresentação do plantão, explicando que o dito naquele ambiente, ali ficaria e que estava ali para escutá-la e apoiá-la. E assim começou a trazer suas demandas:

Girassol: *“sempre sonhei com uma mulher enforcada e há 3 meses atrás foi revelado a ela, pela avó, que a mãe se suicidou na sua frente quando tinha dois anos. Eu acabo sendo um centro de apoio para meus amigos, mesmo que eles não ajudem, pois não tenho facilidade de pedir ajuda”*.

Plantonista: *Como é para Girassol ajudar, e não ser ajudada?*

Girassol: *[... choro] é triste, eu cuido das pessoas para que elas não se sintam como eu me sinto, para que elas não fiquem desprotegidas como eu fico, só quero ajudar”*.

Plantonista: *“então continue a escutar. Qual o desejo de Girassol?”*

Girassol: *“desejo de sentir, viver e de querer abraçar a si mesma, de finalmente olhar para si e se reconhecer (ou se conhecer)”*.

Cuidado com o outro. Um cuidado expresso na fala de Girassol como sua característica. Ser-no-mundo é ser de cuidado. Um cuidado que vai além do velar e do zelar. É mais abrangente, tendo em vista que, é direcionar-me para esse outro, independentemente a quaisquer fatores



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(Castro, 2021, 2023). Entretanto, o cuidar é uma via de mão dupla. E Girassol, cotidianamente, não percebe esse cuidado oriundo de outrem dirigido a ela e, por sua fala, posiciona-se como não sendo merecedora de tal olhar. Na Clínica dos Três Olhares é sabidamente prejudicial o auto olhar efetivado a partir da distorção, como se percebe no discurso da adolescente.

O plantonista passou a trabalhar esse olhar de Girassol para Girassol, pois tem vivido pelos outros, para os outros e com a culpa de outros e quanto mais relatos foram sendo trazidos, mais era distinto o seu olhar de ajuda de carinho e da falta dele.

Plantonista: *“qual forma você gosta mais de expressar o que sente?”*

Girassol indicou então três músicas e disse para que o plantonista escutasse, e falou: *“adoro desenhar. Tenho uma pasta cheia de desenhos”*. Foi solicitado pelo plantonista que ela se desenhasse olhando para o espelho e se perguntasse: *“Como é ser Girassol de verdade, por Girassol. Como você gostaria de se olhar?”*

Girassol sorriu e disse que faria a atividade: *“estou disposta a mudar isso. Estou cansada de não ter pessoas próximas em quem confiar”*.

A adolescente traz sobre sua forma de expressar-se no dia a dia. Ela cria. Ela desenha. E, na busca de que pudesse consubstanciar outro olhar sobre si mesma, o plantonista lança mão de elementos para que esse movimento ocorra. Solicita de Girassol sua produção artística. A menina fica exultante. Como nos diz Castro (2021, 2023) alguém acreditou nela e isso, a leva a pensar-se como possibilidade.

Ocorre o segundo encontro com Girassol.

Ela fez a atividade proposta em casa e trouxe seu desenho, em seu relato aquele desenho expressava *“essa é Girassol, sendo no momento o que disseram que sou e não quem ela quer ser”*. O plantonista ressaltou que Girassol vive no presente e que é no presente



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que nós precisamos trabalhar para que as possibilidades se abram para que suas escolhas mostrem a ela que existem diversas possibilidades para ela viver por ela, pela Girassol.

Os desenhos apresentados por Girassol mostraram diversos assassinatos, sangue, cores escuras e vermelhas. Em alguns desenhos havia uma criança ou a mão de uma criança. Foi questionado sobre o que seria essa mão. Ela disse que não notou no começo que todos os desenhos tinham uma mão, mas relatou que em todos os seus desenhos havia um mistério. Então foi perguntado pelo plantonista se o mesmo poderia ajudar a resolver esse mistério. Ela disse que sim. Então, foi dito a ela que se notou que todos os desenhos traziam as cores vermelha e preta, e a mão de uma criança enterrada. Ela afirmou *“sim esta é a mão de uma criança que foi assassinada”* e disse em seguida *“eu acho que a mão é um pedido de socorro, é pela mão que nós tocamos a outra pessoa e sabemos que vamos ser ajudados”*.

O mundo-vivido de Girassol está pleno por fatores de risco, desde o modo como sua mãe suicidou (na frente dela, como foi dito, por enforcamento) ao fato de não gostar de ser tocada, pois *“o outro pode ser perigoso”*. Representa, nos desenhos, o experienciado cotidianamente, seja a visão quando ainda muito pequena de um comportamento autodestrutivo, seja não se possibilitando ser ajudada. Podemos, com Castro (2021, 2023) como um movimento na tentativa de ser ela mesma, sem, contudo, compreender as várias dimensões por ela expressa. Entretanto, sua fala nos traz uma dimensão importante: a mão do outro pode ajudar e ser ajudada. E isso implica em viés contrário ao que tinha sido falado no primeiro encontro. Girassol houvera refletido.

Em seguida, foi solicitado a Girassol que ela pudesse realizar uma atividade em pé. O plantonista pediu que levantasse e adentrasse em um x que tem marcado na sala de aula. *“Esse X, representa a essência e todas as linhas a sua volta, as facticidades, os eventos que ocorreram*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

durante sua vida”, disse o acadêmico de Psicologia. Em seguida, foi explicado como funcionaria: o plantonista lia uma palavra, lia cada palavra que havia no desenho de Girassol e, em cada palavra que ela se identificasse, foi pedido que a menina desse um passo para trás, afastando-se, assim, de sua essência definida por outros e não por ela mesma.

Em seguida, foram trocadas as frases por aquelas com características de afirmação e frases de afirmação e questionadoras. Solicitado a Girassol que desse um passo à frente diante de cada frase na qual ela quisesse estar. Havia afirmado que gostaria de aprender a sentir; que gostaria de aprender a ter sentimentos; que gostaria de criar laços; gostaria de sentir-se bem consigo mesma.

Trouxe essas questões e, assim, deu um passo de cada vez. Em alguns momentos, espaços eram longos, em outras eram passos mais curtos. E nessa movimentação, Girassol voltou para perto de sua essência, mas não havia pisado no X ainda.

Nesse momento, o plantonista disse à adolescente que ele mesmo falaria o que representava ali para ela e falou: *“Girassol, eu irei ajudar a sentir-se melhor”* e deu um passo. Em seguida, disse: *“Girassol, eu acredito que você é uma artista incrível”*. Mais um passo, o plantonista já estava próximo a Girassol e estendeu o braço com o punho cerrado e disse: *“toque aqui”!*

Qual a origem da atitude do plantonista? Ele houvera observado que assim que Girassol entrara na sala, sua colega veio deixar a mochila da adolescente. Notou que haviam broches e botons de animes como Naruto, ataque aos Titãs, banana Fish e outros. Porém, focou em especial no anime Naruto, cuja atitude mais frequente é tocar o punho cerrado de outro colega. E esse movimento, no anime, significa entender o seu coração apoiá-lo; entender que existe uma força dentro dele e que ele quer lutar.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Assim que Girassol tocou o punho do plantonista, o mesmo abriu a mão e estendeu a ela. Girassol abriu os olhos com expressão de surpresa e falou: *“eu entendi, eu entendi, entendi o que aconteceu aqui, eu vou conseguir fazer isso é o que eu quero para mim como Girassol. Preciso abraçar a Girassol que está dentro de mim; a Girassol de verdade por mim mesma, já chega de fazer pelos outros, eu preciso me sentir bem”*.

A atividade se constituiu em um verdadeiro divisor de águas na relação entre plantonista e adolescente. Ao se permitir participar da mesma, Girassol se possibilita ir além das marcas, mágoas e frustrações que tem carregado em sua curta existência. Como nos diz Castro (2021, 2023), ao ser humano é facultado tomar para si as rédeas do próprio viver e, a partir daí, caminhar de modo mais resoluto e firme em direção a objetivos traçados e os ainda por traçar. Girassol compreende que nela mesma reside tornar-se um ser possível. E, quando ressalta que *“precisa abraçar Girassol”* está dizendo dessa possibilidade em ser ela mesma, em ser a pessoa que está se tornando.

Logo em seguida, foi solicitada outra atividade para a semana. O plantonista pediu que Girassol utilizasse o mesmo desenho que tinham as frases que a machucavam e, uma a uma, retirasse aquelas frases e trocasse por frases que ela adicionou sobre o que ela pensa sobre si mesma, não que os outros deram a ela. Para começar, o plantonista deu uma frase dita anteriormente por Girassol, que em vez de *“eu sou um lixo”* poderia estar *“eu sou um artista incrível”*. Girassol alterou a frase, sorriu e lagrimou com o sentimento que estava vivenciando no momento, segundo ela, felicidade.

Ao final desse encontro, Girassol abraçou o plantonista. Ao final, falou e disse para ele *“não vou desistir de mim; eu preciso apenas de um toque aqui – aponta o coração, e vou conseguir fazer isso, preciso fazer isso por mim”*.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

E como Fênix, Girassol abre as pétalas em direção a um sol que compreendeu, finalmente, ser ela própria. Como nos diz Castro (2023) que a grande questão não é alçar voo, mas compreender a pluridimensionalidade do voo em que nos lançamos.

Considerações finais

Três histórias de vida. Três movimentos. Três possibilidades. São relatos com essas várias dimensões que o acadêmico de Psicologia encontra em sua atividade no plantão psicológico.

Miss Sunshine, Smurfette e Girassol são as várias nuances de experiências impactantes que nos são trazidas por adolescentes que, até aquele momento, não conseguem compreender o que levou à desconfiguração de seu mundo-vivido. Passam, assim, a experimentar dor, sofrimento, angústia, desamparo, desesperança e desespero. Não se reconhecem no próprio movimento do existir, nem pertencendo às configurações relacionais nas quais transitam.

O discente de Psicologia, ao trabalhar sob o viés da Fenomenologia-Existencial, envereda pela abertura necessária ao outro, compreende que a relação que aí se estabelece é de encontro, desencontro e reencontro. Se percebe aprendiz de seu fazer profissional.

Referências

Benício, Branca Cecília, Gomes, Kétora Pereira Gonçalves & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). O espelho, a família, o voo de Pégasus: a existencialidade adolescente no Plantão Psicológico. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 261-282.

Brasil. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior (2004). *Parecer 0062/2004, aprovado em 19/02/2004, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia* Brasília.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 9-32.

Coelho Junior, Leconte de Lisle (2022) *Práticas de estágio básico em psicologia* [livro eletrônico] Editora Amplla, 142 p.

Heidegger, Martin *Ser e Tempo* (2015). Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10 Ed. Vozes: Editora Universitária São Francisco

Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão psicológico. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 51-70.

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – Appris, p.15-32.

Vygotsky, Lev Semionovitch (2007) *A formação social da mente*. Martins Fontes.

Vygotsky, Lev Semionovitch (2003) *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes.

Recebido: 18/11/2023

Aprovado: 12/11/2023

Publicado: 01/01/2024

Autores

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM. Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

Janderson Costa Meira

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Atália Maria Schaeken Silva

Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>

Elcilene Lima de Macedo

Graduada em Psicologia da Universidade Paulista - Unip. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: elcilenemacedo@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8313-6074>

Emanuel Herbert Elias Alencar

Graduando em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Coordenador de comunicação da Rede de mulheres indígenas do estado do Amazonas Makira E'ta. Bolsista da Geração Zelo- Movimento Saber lidar, em parceria com Unicef Brasil (ASEC-UNICEF). E-mail: alencaremanuel1998@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5659-8422>

Gabriela Monteiro da Silva

Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte - Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da UFAM (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6998-432X>